



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS - FATECS**

LUCAS VELOSO CIPRIANO

AS MÃES DE SANTA LUZIA

**Documentário sobre mulheres que são mães solteiras em uma comunidade
carente**

**BRASÍLIA
2015**

LUCAS VELOSO CIPRIANO

AS MÃES DE SANTA LUZIA

**Documentário sobre mulheres que são mães solteiras em uma comunidade
carente**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Ms. Luiz Cláudio Ferreira.

**BRASÍLIA
2015**

LUCAS VELOSO CIPRIANO

AS MÃES DE SANTA LUZIA

**Documentário sobre mulheres que são mães solteiras em uma comunidade
carente**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Comunicação Social com
habilitação em Jornalismo do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB, como um
dos requisitos para obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Ms. Luiz Cláudio
Ferreira.

Brasília, -- de junho de 2015

Banca Examinadora

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professor Lourenço Cardoso
Examinador

Jornalista Patrícia Leite
Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico o documentário “As Mães de Santa Luzia” a todas as mulheres que enfrentam a tarefa de ser mãe e pai ao mesmo tempo.

Lucas Veloso Cipriano

AGRADECIMENTOS

Primeiramente não posso deixar de reconhecer o apoio e a dedicação dos meus pais, Antonio Rodrigues e Antonia Veloso, na minha criação. Eles me deram educação suficiente para enfrentar os obstáculos impostos pela vida. Espero que eu possa os recompensar com meu sucesso profissional, serei eternamente grato. Decidi bem cedo qual profissão eu seguiria. Ser jornalista se transformou em um sonho e objetivo. Toda a minha família foi importante para que eu pudesse conquistar minhas metas e realizar desejos.

Fazer este trabalho foi um desafio que não enfrentei sozinho. Contei com a ajuda, principalmente, dos meus amigos. Sou muito grato a Sheylla Cristina por ter caminhado comigo desde os primeiros dias de aula no Centro Universitário de Brasília até a formação, e ter me ajudado durante a produção do documentário. Juntos, nos envolvemos e nos emocionamos a cada nova história. O meu grande amigo Diego Schueng também esteve ao meu lado a todo o momento, me dando forças para continuar e fazer um bom trabalho. Ele também enfrentou a lama nas ruas de Santa Luzia para me ajudar nas gravações e, como um excelente editor, me auxiliou na pós produção. Meu muito obrigado ao querido amigo Deivisson Santos que também esteve ao meu lado e se emocionou com o resultado final do trabalho. Agradeço à equipe do Jornal de Brasília e TV Web Brasil em nome do meu chefe Valdir Borges, pela experiência profissional e oportunidades de ouro que tive até hoje e foram importantes na minha vida universitária.

Há um professor no UniCEUB que, desde o primeiro semestre, eu me sentia ansioso para ser seu aluno. Luiz Cláudio é o mestre mais empolgado, criativo, atencioso e exigente na medida certa, que um formando pode ter. Tive a honra de ter sua orientação. Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os professores que já passaram pela minha vida. Meu agradecimento final é para toda a comunidade de Santa Luzia, não somente as personagens que participaram do filme, mas as dezenas de pessoas que me ajudaram a produzir o vídeo me indicando as mães solteiras ou que simplesmente me desejaram boa sorte.

RESUMO

O documentário “As mães de Santa Luzia” traz depoimentos de nove mães solteiras que enfrentam dificuldades diárias ao criar os filhos sem a presença do pai dentro do lar. As personagens moram na comunidade Santa Luzia, na Cidade Estrutural, que é carente de recursos e infraestrutura básica. As mulheres contam suas histórias pessoais que incluem as angústias, relação dos filhos com os pais e as condições de vida em uma comunidade esquecida pelo Estado, além de apresentar a iniciativa de uma mãe que transformou o barraco em uma creche.

Palavras-chave: Mãe solteira. Setor de Chácaras Santa Luzia. Cidade Estrutural. Documentário. Produto jornalístico. Problema social.

ABSTRACT

The documentary "As Mães de Santa Luzia" brings reports from nine single mothers who face daily difficulties in raising children without the father's presence in the home. The characters live in the community Santa Luzia, the Cidade Estrutural, which is lacking in resources and basic infrastructure. Women tell their personal stories which include anxiety, relationship of the children with parents and living conditions in a community forgotten by the state, in addition to presenting the initiative of a mother who turned the shack in a nursery.

Keywords: Single Mother. Sector Farms Santa Luzia. Structural city. Documentary. Journalistic product. Social problem.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?	12
2.1	Linguagem audiovisual.....	13
2.2	Tipos de documentário	15
3	POR QUE RETRATAR AS DESIGUALDADES.....	19
3.1	Papel social do documentário	20
4	A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO	21
5	CONCLUSÃO	23
6	DIÁRIO DE BORDO	24
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
8	ROTEIRO	29

1 INTRODUÇÃO

A ideia de produzir um documentário no Setor de Chácaras Santa Luzia surgiu no segundo semestre de 2014, ao produzir uma reportagem para o Jornal Laboratório “Esquina”, sobre as condições de vida na comunidade. De nossas entrevistadas, um fator em comum chamou a atenção: a maioria cria, ou criou os filhos sem a presença da figura paterna no lar. A Constituição Federal (1988), artigo 227, §6º, garante: “Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.” Mesmo assim, as mães solteiras, além de enfrentarem os árduos desafios em criar os filhos sem o cônjuge, sofrem, historicamente, discriminação da sociedade.

As condições de vida na comunidade são um agravante na rotina dessas mulheres. Falta de saneamento básico e pavimento adequado, barracos construídos, predominantemente com o uso de madeirite, fornecimento de água e energia elétrica de maneira improvisada e ausência do serviço de coleta urbana, fazem parte dos desafios a serem enfrentados pelos moradores da região. Santa Luzia é considerada uma invasão porque ocupa uma Área de Proteção Ambiental (APA), próximo aos limites do Parque Nacional de Brasília. Segundo a Administração da Cidade Estrutural, a posse da área faz parte do patrimônio da Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal (Terracap).

Pesquisa realizada em março de 2015 pela Codeplan - Companhia de Planejamento do Distrito Federal, intitulada “As mulheres no Distrito Federal e nos municípios metropolitanos”, revelou desigualdades sociais no DF. Na região da Cidade Estrutural, onde está localizada a comunidade Santa Luzia, 45,24% das responsáveis pelos domicílios têm entre 25 a 39 anos. No Park Way e no Lago Sul, por exemplo, 68,08% e 65,38%, respectivamente, têm mais de 60 anos. Os números mostram que mesmo em condições de pouco poder econômico, mulheres mais novas sustentam o lar. Outro resultado que chama atenção é o índice de mulheres responsáveis pelos domicílios com nível superior de escolaridade, o percentual foi de 0,00% na Estrutural. A diferença é surpreendente quando se comparado ao

índice no Lago Sul de 78,85%. Na Estrutural, 84,83% das mulheres entre 18 e 65 anos possui filhos, entre elas, 41,71% não trabalha.

Não há estatísticas exatas da quantidade de mães solteiras no Setor de Chácaras Santa Luzia, mas conversando com os moradores da comunidade é possível perceber que a situação dessas mulheres é comum. Elas enfrentam o desafio de sustentar uma família, e em alguns casos, não há onde deixar as crianças, o que torna ainda mais difícil a busca por um emprego e assim ter renda suficiente para alimentação, vestimenta, remédios, mobília para o lar etc.

O documentário ambientado no Setor de Chácaras Santa Luzia tem o objetivo de revelar as histórias das vidas de mulheres guerreiras e batalhadoras. As mães solteiras ou viúvas, que criam ou criaram os filhos sem o cônjuge, são anônimas da sociedade, mas são fortes e defendem seus filhos contra as pressões externas da comunidade. Violência e tráfico de drogas são problemas enfrentados por todos os moradores, e mais uma preocupação das mães.

A partir dessas histórias de superação, o filme também tem o objetivo de diminuir o preconceito sofrido pelas mães solteiras, além também, de chamar atenção para graves problemas sociais de pessoas que vivem sem infraestrutura básica e são ignorados pelo governo local.

A opção de produzir o Trabalho de Conclusão de Curso em forma de documentário é a melhor escolha por conta do tema abordado. Utilizando as técnicas audiovisuais, podemos transmitir com mais fidelidade o sofrimento da batalha diária das mães solteiras. As expressões faciais das mulheres e crianças, tom de voz, risadas ou choros, são gravados e eternizados no filme. Além do registro da simplicidade dos ambientes internos e as condições das ruas.

Todo o trabalho foi filmado no Setor de Chácaras Santa Luzia e construído a partir de depoimentos gravados com as moradoras. O local é pouco mostrado na mídia local, esse foi um dos fatores que fortaleceram a escolha da comunidade para ambientar o filme. Além disso, a situação jurídica em relação à posse das terras, a precariedade das condições de vida e ausência de políticas públicas voltadas para os habitantes, foram considerados como fatores agravantes, principalmente, para mulheres solteiras com filhos pequenos.

A união entre os problemas do local de moradia, aliado as condições financeiras individuais, e o fato de estar mãe solteira, fazem dessas mulheres, personagens centrais e importantes para conscientização e exemplo de determinação e garra, na luta contra problemas sociais com objetivo de dar uma vida melhor e futuro digno aos filhos.

2 O QUE É UM DOCUMENTÁRIO?

O filme documentário surgiu após a invenção do Cinematógrafo, apresentado pelos irmãos Lumière em dezembro de 1895. Na primeira sessão de cinema da história, os irmãos Auguste e Louis exibiram na tela imagens do cotidiano de Paris.

O documentário é um gênero cinematográfico que tem como objetivo representar a verdade. Diferente do cinema ficcional, o modo de produção documental é responsável por tratar temas reais, não imaginários. Nichols (2007) categoriza os documentários como “documentários de representação social”, e os filmes de ficção como “documentário de satisfação de desejos”.

No artigo de Carvalho (2006), intitulado O Documentário e a Prática Jornalística, o autor explica sobre a importância de escolher um tema relevante nas esferas social, política, cultural, científica, histórica e econômica: “o documentário pode reconstituir ou analisar assuntos contemporâneos de nosso mundo histórico vistos por uma perspectiva crítica”. Da-rin (2004), no livro Espelho Partido - Tradição e Transformação do Documentário Cinematográfico, afirma: “os filmes denominados documentários apresentam uma grande diversidade, seja temática, estilística, técnica ou metodológica, dificultando sobremaneira a formulação de modelos e sua categorização”.

Nichols (2007) no livro Introdução ao Documentário, explica que o gênero nos proporciona uma forma de colocar em destaque temas importantes que necessitam de atenção: “Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis”.

Efetivamente, não há como negar a realidade institucional do documentário, constituída por cineastas, produtores e técnicos que se autodenominam documentaristas, seus filmes, associações, entidades financiadoras, espaços de exibição, distribuidoras, festivais e mostras especializadas, publicações, críticos; enfim, toda uma complexa rede de práticas e retóricas que reivindicam um lugar específico no continente do cinema. Lugar, aliás, facilmente reconhecido pelo público que frequenta as salas de exibição. (Da-rin, 2004, p.7)

2.1 Linguagem audiovisual

A comunicação é uma necessidade do homem. Na era das cavernas, as pinturas nas paredes eram consideradas maneiras de expressão. Com o passar dos anos surgiu a linguagem a partir dos fonemas, palavras e da escrita. A comunicação proporcionou transferência de conhecimento, socialização e possibilitou o avanço da tecnologia.

Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por um acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar. Pessoas foram impedidas de se comunicarem durante longos períodos, enlouqueceram ou ficaram perto da loucura". (Bordenave, 1987, p. 19)

A linguagem é o meio que possibilita a comunicação, transmissão e recebimento de informações, ideias e conhecimento. A união de elementos sonoros e visuais para se comunicar define o termo audiovisual.

O avanço das técnicas possibilitou que diálogos possam se estabelecer mesmo a quilômetros de distância entre o receptor e o transmissor da mensagem. Os meios podem ser, por exemplo, a telefonia, sistema de emissão de vozes a distância via cabos, ou a Internet, sistema global de redes de computadores interligados.

A tecnologia é aliada da linguagem audiovisual, que alcança a casa da maioria das pessoas através da televisão. Produtos audiovisuais como Telejornais, novelas, filmes, programas de auditório e entrevistas informam e entretêm os espectadores. No livro *O Que é Comunicação*, o autor classifica a TV como “magia a domicilio”, pois possui o “poder de transportar as pessoas a outros mundos onde a rotina e o cansaço cedem lugar à aventura e à emoção”. (Bordenave, 1987, p.16).

O surgimento, expansão e evolução da rede mundial de computadores, promoveu outro tipo de produto audiovisual. Os vídeos disponibilizados na Internet podem ser acessados e assistidos a qualquer momento e em qualquer lugar que haja conexão ativa. Esse conteúdo é intitulado pelo termo em inglês *on demand* (sob demanda), pois o usuário escolhe o que prefere assistir. A popularização de máquinas filmadoras, fotográficas, e celulares que desempenham o mesmo papel,

nos tornou além de espectador, produtor de nossas próprias mensagens. O Brasil representa uma parcela importante de internautas do mundo. Em 2014, segundo levantamento produzido pela ComScore, revelou o país como a quinta maior audiência digital, com 68 milhões de visitantes únicos da Internet.

Hoje, verifica-se uma crescente produção audiovisual de jovens veiculada na internet; é possível encontrar projetos de produção de vídeos nas escolas; proliferaram os cursos de cinema e audiovisual. Ao redimensionarem os valores de uma ordem já estabelecida em um mundo concreto, sensível, visível, dinâmico, numa fusão de valores e tradições, os jovens ampliam as possibilidades do olhar. (Gurgel, 2009)

Cada vez mais, recursos audiovisuais são usados também em espaço educativos. Nas escolas, professores adotam esse tipo de linguagem em sala de aula para transferir conhecimento de forma rápida e interativa. No artigo A Experiência Audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre Educação e Comunicação, a autora (Gurgel, 2009) discorre sobre as mudanças provocadas pela relação entre a educação e a comunicação: “As novas propostas curriculares apontam três formas de educação midiática: educar pela, para e com a mídia”.

O cinema detém e coloca em prática as técnicas mais avançadas atualmente para captar imagens e sons de qualidade com o objetivo de provocar reflexão e envolvimento no enredo proposto, seja ele ficcional ou não. Estamos rodeados por equipamentos e suas telas: televisão, celular, *tablet*, etc. Estes dispositivos nos oferecem contato com o mundo audiovisual.

O audiovisual (cinema ou vídeo) é um meio eficaz na mediação do processo de apropriação do conhecimento, porque comporta em sua composição vários elementos de linguagem que propiciam uma compreensão em vários níveis. Assim, podem mais facilmente desencadear associações que levam aos sentidos e aos significados. (Fonseca, 1998, p.37)

Na publicação Audiovisuais: arte, técnica e linguagem, a autora Laura Maria Coutinho (2006), explica que esse tipo de comunicação atinge os dois sentidos mais importantes do homem, a visão e audição. “Estes são os sentidos mais privilegiados no mundo moderno, pois uma das características da modernidade é o fato de permitir certo afastamento das pessoas do chamado mundo natural ou natureza”.

2.2 Tipos de documentário

Segundo o autor Bill Nichols (2007), existem seis diferentes tipos de documentário. São eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Os modos de realizar o filme documental surgiram a partir da percepção de roteiristas e diretores, ou outros profissionais envolvidos na produção, em retratar o mundo de novas formas.

Nichols explica que o documentário poético tem relação direta com a vanguarda modernista e possibilita formas alternativas de conhecimento. Este tipo deixa em maior evidência fatores como ânimo, o tom e o afeto do que demonstrações de conhecimento, mas pode ser considerado como abstrato demais. Sobre o surgimento do modo poético, Nichols considera:

O modo poético começou alinhado com o modernismo, como uma forma de representar a realidade em uma série de fragmentos, impressões subjetivas, atos incoerentes e associações vagas. Essas características foram muitas vezes atribuídas às transformações da industrialização, em geral, e aos efeitos da Primeira Guerra Mundial em particular. (Nichols, 2007, p.140)

Quando se comparado ao poético, o modo expositivo reúne fragmentos históricos em uma estrutura argumentativa. Este tipo permite que vozes recontem histórias baseadas na retórica. Nichols explica que umas das marcas de autenticidade do modo expositivo é a presença de comentários em voz masculina e timbre suave. Diferente do cinema tradicional, o modo expositivo coloca as imagens em um papel secundário. O que se vê é apenas a ilustração do que é dito pelo narrador e ouvido pelo espectador. Sobre os comentários narrados, Nichols afirma que “ele serve para organizar nossa atenção e enfatiza alguns dos muitos significados e interpretações de um fotograma”.

O comentário com voz-over parece literalmente “acima” da disputa; ele tem a capacidade de julgar ações no mundo histórico sem se envolver nelas. O tom oficial do narrador profissional, como o estilo peremptório dos âncoras e repórteres de noticiários, empenha-se na construção de uma sensação de credibilidade, usando características como distância, neutralidade, indiferença e onisciência. (Nichols, 2007, p.144)

Ainda de acordo com o autor, o modo expositivo é ideal quando o objetivo é transmitir informações, isso proporciona conhecimento ao espectador, “mas não desafia ou subverte as categorias que organizam esse conhecimento”.

Observar o que se passa diante de uma câmera sem a intervenção de efeitos ou trilha sonora, sem legendas e narração, e até mesmo sem entrevistas. Essa é a proposta do modo observativo no cinema documental. Segundo Nichols (2007), o surgimento de câmeras de vídeo e gravadores de áudio portáteis, possibilitou a movimentação durante a gravação para captar o que estava acontecendo, facilitando o desenvolvimento deste tipo de documentário. A observação espontânea difere das formas de controle que um cineasta poético ou expositivo tem sob a composição de uma cena. Nichols afirma que “o isolamento do cineasta na posição de observador pede que o espectador assuma um papel mais ativo na determinação da importância do que se diz e faz”.

No modo observativo surgem questões éticas ao registrar o comportamento de pessoas. Os filmes etnográficos, por exemplo, se não for dada a contextualização adequada, os costumes e tradições de um grupo podem causar estranheza e espanto, e assim, se distanciar do objetivo científico. O consentimento verbal com os participantes do filme é uma escolha do cineasta e pode depender de acordo com o local da gravação. A presença de uma câmera pode alterar comportamentos e provocar uma distorção da realidade a ser captada. Estes são alguns dos desafios enfrentados pelos cineastas que se aventuram no modo observativo.

Os filmes observativos mostram uma força especial ao dar uma ideia da duração real dos acontecimentos. Eles rompem com o ritmo dramático dos filmes de ficção convencionais e com a montagem, às vezes apressada, das imagens que sustentam os documentários expositivos ou poéticos. (Nichols, 2007, p.149)

Outro tipo de documentário é o participativo. Neste gênero, o documentarista vai a campo e interage com o tema. Ele pode deixar de estar apenas atrás da câmera, como nos tipos explicados anteriormente, e realizar uma observação participativa, estar presente nas cenas. Com a presença do cineasta em uma situação distinta em relação a sua cultura, conseqüentemente ocorrem alterações. A posse da câmera pelo documentarista é um dos fatores que o difere dos “nativos”, Nichols explica que isso proporciona um nível de poder e controle sobre os

acontecimentos, e também confere ao cineasta papéis de mentor, crítico, interrogador, colaborador ou provocador.

No modo participativo, a interação entre autor e o tema é motivado pela presença do equipamento de gravação, e essa relação é que prende a atenção do espectador à medida que a história se desenrola. A participação ativa do documentarista nos filmes não é enfatizada em todos. Em algumas produções participativas, a entrevista é usada para apresentar uma perspectiva mais ampla e permite que o cineasta interaja formalmente com os personagens. Segundo Nichols, “a entrevista representa uma das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema”.

As entrevistas são uma forma distinta de encontro social. Elas diferem da conversa corriqueira e do processo mais coercitivo de interrogação, à custa do quadro institucional em que ocorrem e dos protocolos e diretrizes específicos que as estruturam (Nichols, 2007, p.160)

O modo reflexivo destaca a interação e o processo de negociação entre cineasta e o espectador. A relação passa a ser diretamente com o autor da produção e não com a realidade representada. O diretor é colocado como elo entre o tema e o público que assiste ao documentário. “Em lugar de ver o mundo por intermédio dos documentários, os documentários reflexivos pedem-nos para ver o documentário pelo que ele é: um construto ou representação” (Nichols, 2007, p.163).

Tais produções tratam do realismo de forma menos complexa através da estrutura do documentário que inclui continuidade, desenvolvimento de personagens e estrutura narrativa. Todas essas técnicas são desafiadas pelo modo reflexivo de se fazer documentário, pois o gênero possibilita ao cineasta que ele desconstrua a lógica esperada do filme de maneira surpreendente para atrair a atenção do espectador, um exemplo disso são as ficções disfarçadas. Isso provoca uma tentativa característica do modo: reajustar as suposições e expectativas sobre a forma do documentário em si.

De uma perspectiva formal, a reflexão desvia nossa atenção para nossas suposições e expectativas sobre a forma do documentário em si. De uma perspectiva política, a reflexão aponta para nossas suposições e expectativas sobre o mundo que nos cerca. (Nichols, 2007, p.166)

O modo performático trabalha o conhecimento como algo concreto e material, oriundo das nossas experiências pessoais e representado através da poesia, literatura e retórica. Nichols explica que o conhecimento material pode nos ajudar a entender os processos mais gerais em funcionamento na sociedade. Os significados podem ser diferentes de acordo com a experiência, memória, envolvimento profissional e princípios de cada indivíduo, e tudo isso é importante para compreendermos os aspectos do mundo que mais são explorados pelos documentários. “O documentário performático sublinha a complexidade de nosso conhecimento do mundo ao enfatizar duas dimensões subjetivas e afetivas” (Nichols, 2007, p.169).

Uma das características do modo performático é a ênfase dada para subjetividade da experiência e da memória e a combinação livre do real e do imaginário, o que resulta em estruturas narrativas menos convencionais. Alguns filmes podem demonstrar esses atributos em apenas algumas partes, raramente servem como base para íntegra da produção. Neste gênero documental, a maneira emocional e significativa de ver o mundo é evidenciada. Nichols destaca que a sensibilidade do cineasta é importante para estimular a nossa, provocando assim, um envolvimento maior do espectador na representação do mundo histórico.

3 POR QUE RETRATAR AS DESIGUALDADES

A desigualdade social é um fenômeno que atinge grande parte da população mundial, principalmente países em desenvolvimento como o Brasil. É definida pela concentração da maioria dos recursos por uma minoria da sociedade, que conseqüentemente, tem acesso facilitado a incentivos econômicos, educacionais, transporte, saúde e segurança. A principal causa do problema é a má distribuição de renda que estimula o aparecimento de favelas, aumento das taxas de miséria, desemprego e violência.

É necessário entender a desigualdade social também como uma espécie de “leque” de outros tipos de desigualdades geradas a partir da desigualdade econômica, como desigualdades raciais, pobreza, problemas com acesso à moradia, segurança pública, educação de má qualidade, desemprego, entre outros. (Lúcio)

Os dados da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, revelam os números da desigualdade no país através do Índice de Gini, medida do grau de concentração de rendimento, que segundo o Instituto, o “valor varia de zero (perfeita igualdade) até um (desigualdade máxima)”. Em relação a 2001, o índice teve queda: passou de 0,563 para 0,495 em 2013, considerando o rendimento médio mensal de todos os trabalhos. Apesar da melhora, a situação não é satisfatória. O PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento mostrou o Brasil em 79º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em 2013. O país continua abaixo de outros países latino-americanos como Chile, Argentina, Cuba e Uruguai.

Analisando a realidade local, o estudo “As mulheres no Distrito Federal e nos municípios metropolitanos”, realizado pela Codeplan em 2015, teve como objetivo traçar o perfil da desigualdade socioeconômica de gênero e raça envolvendo as mulheres do DF e cidades do Entorno. Na Cidade Estrutural, a pesquisa apontou que 26,83% das famílias são monoparentais, quando apenas um dos pais de uma criança é responsável por criar o filho ou os filhos. Desse número, a grande maioria são mulheres: 24,12%. Segundo a Codeplan, “isso permite supor que as mulheres são de fato responsáveis pelos domicílios quando da ausência de um companheiro”. Sobre monoparentalidade no DF, o estudo conclui:

Quando analisados somente os casos de monoparentalidade, ou seja aqueles em que não há um casal, mas uma pessoa responsável

pelos filhos e pelo lar, nota-se que as mulheres são maioria, sendo chefes em 85% dos domicílios que têm essa característica. Os homens, por seu turno, são responsáveis por 95% dos domicílios nucleares. (Codeplan, 2015)

3.1 Papel social do documentário

A percepção da sociedade sobre os acontecimentos é resultado, principalmente, dos produtos de mídia oferecidos pelos meios de comunicação de massa, como a televisão. O documentário é uma ferramenta importante para provocar o pensamento, reflexão e consciência crítica a cerca de temas socialmente importantes. A fidelidade das imagens e sons transporta o espectador para realidades distintas, em alguns casos, longínquas. Afinal, o filme, de alguma forma, contém características da sociedade em que está inserido. No documentário sobre as mães solteiras de Santa Luzia, os cenários reais, expressões faciais e características pessoais de cada personagem compõem um contexto favorável à reflexão a cerca de problemas sociais e falta de políticas públicas.

O documentário é um gênero que serve muito bem como campo de discussão de injustiças sociais. Por meio dele, é possível trabalhar vozes diversas apresentando personagens de classes sociais diferentes, muitas vezes representando a oposição da minoria forte e privilegiada contra a maioria fraca e sofrida. (Levin, 2012)

A busca e preocupação das emissoras comerciais de televisão em obter os maiores índices de audiência possíveis, causa o efeito da superficialidade ao cobrir, na maioria, notícias sobre fatos que acontecem no momento, os factuais. Assim, as questões sociais como a miséria e pobreza das comunidades carentes, parecem ser esquecidas pela grande mídia. Os documentários exercem o papel de mergulhar em histórias que são pouco mostradas em telejornais.

4 A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

O roteiro é uma das etapas de produção mais importantes de um filme documentário. A partir desse elemento, é possível organizar o discurso de acordo com a proposta do autor. Em alguns casos, não há como escrever um roteiro completo e fechado no período da pré-produção, como explica Puccini (2009), isso depende do tema e da forma como será feita a abordagem do assunto. Estes são considerados documentários espontâneos, onde a ênfase do roteiro é “na visualização e na organização, não na narração ou no diálogo” (Hampe, 1997, p. 1). O roteiro pode mencionar o que as pessoas podem dizer.

O autor Hampe (1997) esclarece que ao produzir um documentário sobre comportamento ou evento único, o roteiro pode perder importância e dar lugar ao tratamento. Isso deve ser usado quando não se sabe ao certo o que será filmado, então é listado propostas a serem seguidas pela equipe.

São exceções aos documentários espontâneos, os de arquivo, históricos e biográficos que dependem do roteiro para o começo da produção básica. Se a fotografia não for fundamental para o roteiro, não é necessário detalhar movimentos de câmera e ângulos.

O roteiro abrange todas as etapas do documentário: início, meio e fim. É escrito em cenas que descrevem todas as ações e falas que devem ocorrer em determinados locais e em determinados momentos. Começa-se uma nova cena toda vez que se muda o tempo ou o espaço da ação. (Hampe, 1997, p. 6)

No caso do filme *As Mães de Santa Luzia*, o diálogo com as personagens e a realidade encontrada *in loco*, foram determinantes para a produção de um pré-roteiro, mas que poderia ser alterado de acordo com o andamento das filmagens. A história da personagem Nazaré, por exemplo, foi encontrada por acaso durante as gravações, e rapidamente incluída no planejamento do filme. Por isso, as normas de roteirização das produções podem variar de filme para filme, essa característica exige flexibilidade do roteirista.

O trabalho do roteirista, segundo Hampe (1997), é pesquisar e planejar para obter e organizar informações, e escrever o roteiro que defina a estrutura do

documentário contendo a descrição de cenas que possam ser filmadas e imagens de arquivo a serem recuperadas e inclusas.

Fazer um documentário é um exercício de construção de um modelo. Um roteirista é um arquiteto de filmes. Por isso é importante o roteirista participar do processo desde o início. (Hampe, 1997, p. 1)

Se os filmes de ficção são feitos com o objetivo de prender a atenção do espectador do início ao fim, o documentário deve possuir a mesma característica. Para atingir esse objetivo, é necessário estar atento a aspectos importantes da estrutura do filme. Hampe (1997) explica que o começo do documentário deve ser breve e objetivo. Apenas informações essenciais precisam ser passadas ao público, pois a compreensão será atingida ao longo da história. A parte central do filme deve explorar conflitos e exibir evidências, contrárias ou não, em relação ao tema. O filme deve ser finalizado com os resultados após o direcionamento de todas as evidências.

5 CONCLUSÃO

Eu e minha companheira de turma Sheylla Cristina mostramos as condições do Setor de Chácaras Santa Luzia em uma reportagem para o Jornal Laboratório Esquina no segundo semestre de 2014. Conhecer o lugar foi uma experiência enriquecedora e envolvente. A simplicidade das pessoas sempre sorridentes de Santa Luzia nos motivou a explorar mais o tema. Com a impossibilidade de realizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em dupla, me coube o desafio de realizar o documentário sozinho, mas com a ajuda de amigos.

A experiência foi melhor se comparado ao que eu imaginava. Conheci algumas ruas novas, a maioria muito estreita. Andei por toda a comunidade, sujei o pé de barro para chegar aos locais quase inacessíveis. Vivenciei o drama da lama provocada pela falta de asfalto ou qualquer outro tipo de pavimento, no período da chuva, e também enfrentei a dificuldade da grande quantidade de poeira no período de estiagem. Mas o destaque vai para os moradores de cada casa, que me auxiliaram nas gravações, e me cativaram com o olhar e palavras de carinho e respeito. O conselho em comum que recebia, era para ter cuidado com pessoas mal-intencionadas, por causa dos equipamentos que carregava em minhas mãos. Mesmo assim, me senti seguro e acolhido pelas mulheres que me ofereciam para entrar em suas casas.

Tive a sorte de ter sido criado por minha mãe e meu pai. Mas senti empatia por cada criança, filhos de mães solteiras, que vi brincando, sempre com sorriso largo, nas ruas de Santa Luzia. Posso concluir que a grande maioria das pessoas que moram na comunidade são guerreiras e batalham pelo bem estar próprio, mas em primeiro lugar, o bem estar do próximo. Seja um filho ou um vizinho, qualquer pessoa. A união dos casais depende de uma série de fatores, e os motivos mais comuns de separação entre as mulheres que conversei, foi o envolvimento do marido com bebidas ou drogas, e com outras mulheres, caracterizando uma traição. A vida da mãe solteira em Santa Luzia é difícil, mas a comunidade me pareceu unida em prol de, mesmo com poucos recursos, ajudar uns aos outros.

6 DIÁRIO DE BORDO

No final da manhã do dia 19 de março realizei a primeira gravação. Fui à Santa Luzia para começar a busca por personagens. Deparei-me com ruas completamente cheias de lama por conta da chuva que havia caído mais cedo. Logo ao entrar na comunidade fiz as primeiras imagens da situação do lugar. Além da lama, muito lixo estava espalhado pelo chão. Algumas pessoas observavam de longe. Indignado, um morador vulgo “Galego”, se aproximou e me contou que a culpa da quantidade de sujeira era dos próprios moradores, segundo ele, “porcos”. Conversei durante alguns minutos sobre o meu objetivo em estar ali, enquanto captava imagens.

Galego se mostrou interessado em me ajudar, me indicou a sua vizinha, moradora de uma rua bem próxima do local onde estávamos. Ele a gritou. Dona Maria de Nazaré veio imediatamente. Conversei durante poucos minutos com ela, quando surgiu o convite para conhecer a casa de madeira onde ela mora e mantém uma pequena creche para abrigar as crianças da região. Surpreendi-me com a simplicidade do lugar e com a solidariedade da mulher. Logo na frente da casa, um papel colocado na porta informava o horário de funcionamento com erros de português: “Atendimento das 8:00 *hás* 18:00, obrigado pela *compreensão*”. Ao lado, um monte de cadeiras e mesas que Nazaré acabara de ganhar. No primeiro cômodo, duas crianças assistiam televisão e se mostraram curiosas com a minha presença. Enquanto isso, Nazaré me contava sobre cada uma delas. Os meninos e meninas que ela cuida durante o dia, são filhos de mães que precisam trabalhar e não tem com quem deixar os filhos.

Nazaré foi a minha primeira e importante personagem. Ela aceitou gravar e contar sua história. Na cozinha, montei os equipamentos e Nazaré sentou-se em uma cadeira. Começou a entrevista. Durante a gravação, uma jovem chegou para continuar o almoço que estava a ser preparado. Edilene, 20 anos, é a ajudante na creche. Ela tem dois filhos e é mãe solteira. Fiz imagens da preparação do almoço e a tentei convence-la a também participar do documentário. Ela se mostrou envergonhada, mas não recusou. Tímida e com a voz fraca, falou sobre os filhos e a luta diária de criá-los. Em duas horas em Santa Luzia, percebi a quantidade de

mulheres que exercem o papel de mãe e pai. São muitas. Brinquei por algum tempo com as três crianças que estavam no quarto, mas a chuva me obrigou a me despedir do lugar e voltar na semana seguinte.

Ao descarregar o material gravado, percebi que o áudio do depoimento gravado com a personagem Nazaré no primeiro dia havia sido prejudicado por um ruído. Entrei em contato por telefone com ela no dia 24 de março para combinar outra gravação. Nazaré havia sido acometida por Dengue, mesmo assim, se demonstrou disposta a gravar no dia seguinte.

A quarta-feira, 25 de março, foi o segundo dia de gravações. Encontrei Nazaré sentada com alguns vizinhos do lado de fora da casa. O médico a orientou a dispensar as crianças por estar doente. Ela me contou que no dia anterior não conseguiu se levantar da cama por causa dos sintomas da doença e só melhorou porque medicamentos foram doados por um conhecido. Mais disposta, mas ainda abatida, gravamos um segundo depoimento novamente na cozinha da casa. Na mesma rua, encontrei Cristina Lima Santos que conversou comigo com o filho mais novo, de seis meses, no colo. Mãe e pai de outras duas crianças, ela respondeu aos meus questionamentos e, um pouco envergonhada, contou sua história em poucas palavras.

Logo após Nazaré me levou a casa de sua filha, na mesma rua. Daniele de Almeida Lourenço estava de mudança para o Maranhão. Ela não é mãe solteira, mora com o esposo que a ajuda na criação dos três filhos. Gravei a entrevista na entrada da casa e ela contou sobre a importância do trabalho da mãe Maria de Nazaré, e também sobre sua vida pessoal.

No mesmo dia lembrei-me de uma senhora que entrevistamos em 2014 para a reportagem do Jornal Esquina sobre Santa Luzia. Os vizinhos me ajudaram a encontrar a casa dela, pois um muro foi construído após a última vez que a visitamos, descaracterizando a frente do barraco que estava em minha memória. A artesã Francisca das Chagas Damasceno, 53 anos, me recebeu novamente em sua casa com muita atenção e carinho. Conversei durante alguns minutos sobre o meu trabalho, porém ela se mostrou envergonhada em ser filmada. Insisti mais um pouco e Dona Francisca decidiu não recusar e, com bom humor, me contou sua história.

O sábado, 28 de março, foi o terceiro dia de gravações. Andei por vielas ainda desconhecidas por mim em busca de personagens. Foi o dia mais difícil até aqui. Poucas pessoas na rua e muitas casas estavam fechadas.

Avistei uma senhora vindo em minha direção. Era a dona de casa Edite Santos, 47 anos. Falei com ela sobre meu trabalho e ela me levou até a sua casa. No caminho fomos conversando sobre o passado e a situação da comunidade. Chegamos ao humilde barraco onde ela vive com seu único filho e duas netas. Gravamos rapidamente. Edite ficou envergonhada, mas me contou sobre o passado e o presente. Me despedi e voltei a andar pelas ruas, abordei algumas mulheres que não era mães solteiras, mas elas sempre tinham alguém em mente para indicar. Porém, naquele dia, não tivemos sorte com essa estratégia.

Já a caminho da saída da comunidade, avistei uma mulher sentada no meio-fio, na porta de sua casa, com crianças e vizinhas ao redor. Aproximei-me e descobri que a senhora que estava sentada era a dona de casa Josi, 31 anos, mãe solteira. Ela resistiu ao meu convite em gravar por alguns minutos. Conversamos mais. Josi entrou em casa, trocou de roupa, e voltou pronta para falar diante da câmera. Com uma camisa verde e amarela, ela demonstrou o afeto por seus filhos e comentou sobre o ex-marido. Ela falou bastante, abriu o coração e contou muitas histórias. Voltei para casa feliz e satisfeito.

O quarto dia de gravações foi em 11 de abril. Circulei nas ruas mais próximas a Cidade Estrutural e abordei todas as mulheres que vi em minha frente. Encontrei uma mãe solteira, mas recusou a gravar. Continuei a procura até entrar em rua bem movimentada, com muitas crianças brincando e som alto. Abordei uma mulher e ela afirmou ser mãe solteira, mas por vergonha não poderia falar. Logo após surgiu uma senhora com um bebê de colo. Abordei. Ana Maria, 29 anos, me chamou para entrar em sua casa e aceitou gravar. Com a filha no colo, ela se emocionou nos primeiros momentos ao contar sobre o bebê. Tivemos que interromper a conversa por duas vezes: por causa do som alto do vizinho e depois por que ela precisou trocar a fralda da filha. Na volta, continuamos a conversar. Agradei pela ajuda e me desculpei pelo suposto incomodo.

De volta à rua, avistei uma mulher grávida, falei com ela sobre o documentário que estava produzindo e a questionei se ela seria ou não mãe solteira.

Ela negou, mas indicou a vizinha. Levou-me até a casa da amiga mãe solteira que ficava perto de onde estávamos. Célia Guimarães Mesquita, 21 anos, me convidou para entrar e me contou sobre sua rotina enquanto os vizinhos cuidavam de sua filha.

O quinto e último dia de gravações foi no dia 2 de maio. Nesta data decidi que seria importante captar mais imagens das condições estruturais da comunidade de Santa Luzia. Mas não desisti de procurar outras personagens. Encontrei Débora de Souza Oliveira, 25 anos, lavando roupa na casa de uma amiga. Ela se mostrou interessada em falar e gravamos em um cantinho apertado, pois toda a área em frente a casa estava com roupas estendidas. Na mesma rua, avistei Cláudia Mariano de Souza, 24 anos, que cuida de cinco filhos sem a ajuda do marido. Expliquei sobre o meu trabalho, e mesmo envergonhada ela aceitou falar. Após a entrevista, fiz mais imagens nas ruas de terra da comunidade e encontrei Sara Tavares Teixeira, 25 anos, também mãe solteira. Ela não queria falar, mas as vizinhas que estavam com ela a convenceram. Então, posicionei o equipamento e conversei. Sara chegou a se emocionar em alguns momentos da nossa rápida conversa.

A edição do documentário aconteceu nos dias 3, 4 e 24 de maio. Todas as imagens foram captadas, tratadas e finalizadas em resolução *Full HD*. A câmera usada foi o modelo Panasonic AG-AC90, com auxílio de lapela sem fio para captação do áudio e tripé para estabilização das imagens.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL - Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2007

PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. Doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário, [Covilhã], n. 6, p. 173-190, ago. 2009. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf>. Acesso em: 16 de abril de 2015.

CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. Revista Pj:Br: Jornalismo Brasileiro, [São Paulo], v. 7, 2006. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm>. Acesso em: 25 abri de 2015.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 1987

DA-RIN, Silvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

COUTINHO, Laura M. Audiovisuais: arte, técnica e linguagem. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_audiovisuais.pdf> Acesso em 26 de abril de 2015. Brasília: Universidade de Brasília, 2006

LÚCIO, Charlyson Willian Freitas. Desigualdade social. Disponível em: http://desigualdade-social.info/mos/view/Desigualdade_Social/. Acesso em: 30/04/2015.

FONSECA, Maria Tereza de Azevedo da. Realização e recepção: um exercício de leitura. In: Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, 1998

LEVIN, Tatiana . O documentário como espaço de denúncia da injustiça social e do conflito, os casos 'A grande liquidação' e 'Comedores de ferro'. 2012.

8 ROTEIRO

CLÍPE COM IMAGENS DAS RUAS E CRIANÇAS

GC: SANTA LUZIA – COMUNIDADE PRÓXIMA À CIDADE ESTRUTURAL-DF

GC COM O TÍTULO: AS MÃES DE SANTA LUZIA (0'00" A 0'32")

APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS (0'33" a 1'26"):

SARA - Meu nome é Sara Jane

JOSI - Meu nome é Josi

EDILENE - Sou Edilene

ANA MARIA - Sou Ana Maria

DÉBORA - Meu nome é Débora

NAZARÉ - Eu sou Nazaré

CLÁUDIA - Meu nome é Cláudia

CÉLIA - Meu nome é Célia

FRANCISCA - Me chamo Francisca das Chagas

EDILENE - Tenho vinte anos

DÉBORA - Tenho vinte e cinco anos

CÉLIA - Tenho vinte e um anos

CLÁUDIA - Tenho vinte e quatro anos

FRANCISCA - Tenho cinquenta e três anos

ANA MARIA - Tenho trinta e nove anos

NAZARÉ - Vou fazer cinquenta anos em agosto

JOSI - Tenho trinta e um anos

SARA - Tenho vinte e cinco anos e no momento não estou trabalhando

CÉLIA - Sou catadora e trabalho no lixão

CLÁUDIA - Sou babá

ANA MARIA - Sou Cabeleireira

EDILENE - Sou monitora de crianças

JOSI - Sou do lar

DÉBORA - Trabalho na Capital Reciclagem

NAZARÉ - A minha profissão é do lar, cuidar das crianças.

FRANCISCA - Eu sou bordadeira, doméstica, e hoje trabalho só pra mim mesmo. Faço minha comidinha e deito aqui no meu sofá.

IMAGEM DE FRANCISCA ASSISTINDO TELEVISÃO

SOBRE OS FILHOS

JOSI - Ana Clara tem nove, o Wellington tem sete, e a mais nova tem um ano e sete dias. (1'27" a 1'34")

ANA MARIA - Minha única e primeira. Ela vai fazer dois meses dia quinze agora desse mês. (1'35" a 1'41")

FRANCISCA - Tenho seis filhos. A mais velha tem trinta e cinco, o outro tem trinta e quatro, trinta e três, trinta e dois, vinte e cinco e vinte e quatro. (1'42" a 1'57")

EDILENE – Um tem cinco e o outro vai fazer três anos agora. (1'58" a 2'01")

DÉBORA – Meus filhos são dois meninos. O mais novo tem cinco anos e o mais velho tem seis. (2'02" a 2'08")

CLÁUDIA – Tem o Maxwell, oito anos, tem a Andressa com seis anos, Adriel, quatro anos, a Maria Eduarda, dois anos, e a Érika Vitória, nove meses. (2'09" a 2'21")

SARA – O Enzo tem um ano de idade. (2'22" a 2'24")

ANA MARIA – Eu já tenho trinta e nove anos já era difícil pra “mim” engravidar, eu tenho problema, né. E quando a gente descobriu ficou todo mundo “não, não é” até que fez a ultrassom, aí descobriu que era. Ficou todo mundo alegre, ele também. (2'25" a 2'43")

IMAGENS DO QUINTAL COM ROUPAS ESTENDIDAS, LOGO APÓS APARECE JOSI COM OS FILHOS NA PORTA DE CASA.

JOSI – Os dois mais velhos são do meu primeiro casamento aí já cresceram já sem os pais. A bebê tem o conhecimento do pai porque ainda vem com frequência ver ela. Mas a gente não mora juntos. (2'50" a 3'06")

IMAGENS DO INTERIOR DA CASA DE ANA MARIA.

LEGENDA NA TELA: “Você está criando ela sozinha?”

ANA MARIA – Sozinha, sozinha não, porque eu tenho a minha mãe, tem o pai do meu ex-marido, tem meus amigos, meus irmãos, minha cunhada, a tia dela, né. (3’09” a 3’23”)

IMAGENS NA RUA: MULHER COM DUAS CRIANÇAS E MULHER CARREGANDO MENINA EM CARRRINHO DE OBRA.

DÉBORA - Assim, chegou uma fase que pelo até os três anos, quando me separei do pai dele, que de lá pra cá venho criando ele sozinha. Trabalhando muito. Ainda mais quando a gente vem aqui pra cidade, a gente tem que trabalhar bastante, tem que se virar pra sustentar os filhos da gente. (3’28” a 3’43”)

IMAGEM DE LIXO E CAMINHÃO PASSANDO.

FRANCISCA – Os quatro foram criados no Maranhão. Um já foi aqui em Brasília. Criei solteira sem pai, mas lá eu tinha mais uma condiçãozinha. Que eu cheguei e fui morar com a minha irmã, e a casa dela era de madeirite, e eu falei pra ela assim: eu não vou morar embaixo de casa de madeirite. Aí comprei os tijolos, fomos fazer, aí nessa hora eu senti falta de um homem pra fazer as paredes. E tive a ajuda de Deus e de uma na família que me ajudou, inclusive minha cunhada que me trouxe pra cá. (3’48” a 4’22”)

IMAGEM FILHOS DE JOSI SENTADOS NA CALÇADA EM FRENTE A CASA.

SOBRE OS PAIS E MOTIVOS DA SEPARAÇÃO

LEGENDA NA TELA: “Por que o relacionamento de vocês não deu certo?”

JOSI – Tipo assim, no começo estava muito bom, ele estava trabalhando e tudo. E aí, através desse trabalho começou a pegar umas amigadas. Começava a sair, saía na sexta, chegava no sábado, saía no sábado, chegava no domingo e no domingo chegava na segunda. Aí eu fui deixando. Logo no começo eu não conhecia nada aqui na Estrutural ainda. Aí começava a sair e trabalhava, chegava em casa, pegava a roupa e “vou sair”. O alimento nunca chegava dentro de casa. Chegava bêbado, aí eu falei: não vai dar certo. Até que eu me estourei. Eu disse: quero um marido dentro de casa. Um pai. (4’30” a 5’17”)

IMAGEM DA RUA COM DOIS HOMENS PASSADO.

EDILENE – Por motivo de traição. Porque eu trabalhava e só chegava em casa a noite, e quando eu chegava ele não tava. Esquecia de buscar as crianças na creche, tinha um horário certo de pegar. Ou então ele saía e ficava dois, três dias fora de casa. Aí eu peguei e pedi pra ele sair de casa. Foi o único jeito porque não estava

dando certo mais. E pra tá brigando na frente das crianças, o Cauê já estava ficando muito nervoso com tanto briga, tanta coisa. Foi melhor me separar dele. (5'22" a 5'55")

DÉBORA – Separei dele porque ele bebia né, e assim não dava pra criar os filhos da gente assim bebendo e era um pouco violento. Eu tive que tomar essa decisão, como eu já estava se virando sozinha, falei que sozinha eu iria continuar na mesma. Ia dar pra sustentar ele do meu jeito, da base que eu poderia. (5'56" a 6'17")

CLÁUDIA – Sofri demais na mão dele. Bebia, me batia. Um monte de coisas. Aí eu larguei. É melhor sem o pai do que com o pai, eu acho. (6'18" a 6'31")

CÉLIA – Ele começou a beber e começou a usar drogas, e começou a vender as minhas coisas dentro de casa e eu nunca estava em casa. Aí chegava em casa dava falta das coisas e não tinha. Aí eu decidi separar dele. No dia da cirurgia dela eu cheguei nele e falei para ele que não dava mais. (6'32" a 6'49")

JOSI – Dentro de casa os filhos começaram a passar necessidade com você dentro de casa. Os vizinhos que começaram a ajudar. O menino era menor, ela também. E eu sem trabalhar, aí ele falou: está ruim comigo, vai ficar pior. Eu falei: ah, não vai não. Não vai ficar mesmo sabe por que? Porque se é ruim com você vai ficar melhor sem você, eu tenho duas pernas, tenho dois braços, e Deus está me dando forças pra eu poder trabalhar. Não vou ficar dependendo de você. Não recebia nada do governo nesse tempo. Aí descobri que ele estava trabalhando, e estava com outra pessoa. Eu peguei e falei vai embora, botei ele pra fora de casa. Não deu certo, ele pegou e virou as costas pros filhos, abandonou. Me abandonou também. (6'50" a 7'36")

IMAGENS DO COTIDIANO DA COMUNIDADE. CARROÇA PASSANDO,
SANDÁLIA DE CRIANÇA EM PRIMEIRO PLANO, MÃE COM FILHO NO COLO.

A FALTA QUE FAZ UM PAI

LEGENDA NA TELA: "Como é que está sendo criar ele sem a ajuda de um pai?"

SARA – É complicado né. É complicado. Porque ele tem as necessidades básicas dele. E a gente está sem trabalhar, mas... (7'55" a 8'08")

EDILENE – A falta é porque eles são muito apegados ao pai. Principalmente o Cauê, Nazaré mesmo que vê: fim de semana que ele não vai pra lá, ele "fica, fica, fica" até ir. Aí eu levo mas quando levo é uma briga porque ninguém quer ficar com eles. Pai não quer a vó não quer. Todo fim de semana é uma briga. O Cauê adoeceu, pedi um remédio, o pai não compra. (8'09" a 8'33")

DÉBORA – A Dificuldade é porque nem sempre a gente pode dar, a gente só dar o que for básico. Dar a mais não tem como porque às vezes o serviço que a gente

acha pra poder trabalhar é pouco o salário. Aí como a gente paga creche, paga algumas coisas como o lanche, se torna mais pouco o dinheiro. Apesar que morando aqui a gente não paga o aluguel, mas tem outras despesas por fora. (8'34" a 9'00")

CÉLIA – A gente consegue as coisas com muito mais dificuldades. Tem dificuldade pra conseguir a creche pra pagar alguém pra criar, a dificuldade de ter um salário mínimo e sustentar a casa sozinha, pagar alguém pra cuidar dela. Tem muito mais dificuldades tomar de conta de uma casa sozinha. (9'01" a 9'21")

JOSI – Dia dos pais mesmo, ao invés deles se comunicarem com os pais, o presente é pra mim. Ele fala: mau pai não está comigo, o pai é a senhora e mãe ao mesmo tempo, então tenho que falar com a senhora. Se ele vim aqui, eles respeitam, dá a bença, “tudo bom, como é que tá?”. Só. Mas fala assim: quer morar comigo? Não quero morar com meu pai, quero morar com a senhora. (9'22" a 9'50")

CLÁUDIA – A gente precisa de um dinheiro pra comprar remédio, fralda que não tem também pra comprar, alimento nem tanto porque lá em casa não falta, mas o resto a maioria falta. A fralda, o leite. Só isso mesmo. É mais diferente com homem dentro de casa, só isso mesmo as dificuldades. (9'51" a 10'11")

LEGENDA NA TELA: “Que falta que ele faz dentro de casa?”

ANA MARIA – Faz muita falta, pra mim como mulher falta. E eu acho que como pai também. Eu fui criada sem pai também. (10'12" a 10'26")

ANA MARIA SE EMOCIONA

ANA MARIA – Ela é criança, bebê. Não sabe de nada. Mas mais tarde pode ser que ela sinta falta. (10'30" a 10'40")

Pergunta: E quando ela começar a falar e perguntar pelo pai dela?

ANA MARIA – Eu vou falar, uai. Vou falar a verdade, o que estiver acontecendo. (10'43" a 10'48")

RELAÇÃO DOS PAIS E FILHOS

IMAGEM DE CÉLIA NA PORTA DE CASA COM SUA FILHA.

LEGENDA NA TELA: “Ela pergunta por ele?”

CÉLIA – Pergunta, sente falta. De vez em quando ela vê ele aí fica falando nele a semana toda. A gente lá uma vez na vida a gente se fala. Muito raro a gente se ver.

Não procura, não quer saber se ela está bem. Não procura ajudar, não faz nada. (10'53" a 11'13")

LEGENDA NA TELA: "Ele visita os meninos de vez em quando?"

DÉBORA – Visita. Agora os meninos sempre estão com ele porque ele está morando mais próximo. Aí agora já está fazendo mais parte da vida deles. (11'14" a 11'22")

SARA – É muito pouca mas eu ainda converso porque quando eu preciso assim, de dinheiro, de alguma coisa assim, pra poder levar ele pro hospital, comprar uma roupinha, alguma coisa assim, leite... (11'23" a 11'35")

JOSI – Se eu não me comunicar com ele, ele não se comunica. Então, como eles estão crescendo, e estão crescendo com a falta do pai, eles não ligam muito por ele. Tudo que eles querem, eles vêm diretamente falar comigo. Principalmente Ana Clara, que é a mais velha e fala assim: mãe, eu sei que a senhora é o pai e a mãe, o meu pai não está nem aí, se a senhora não ligar pra pedir o dinheiro da gente, ele não liga, nem pra saber como a gente está. (11'36" a 12'11")

IMAGEM DE FILHO DE JOSI ANDANDO DE BICILETA, SE APROXIMA DA CÂMERA E RESPONDE:

- Você sente falta do seu pai? Por que?

A criança nega balançando a cabeça. (12'12" a 12'24")

CONDIÇÕES DE VIDA EM SANTA LUZIA

NAZARÉ – Meu filho tinha nove anos quando o pai morreu né. A gente tinha umas condições financeiras até mais ou menos. Mas como eu quis fazer da vida dele que ninguém falasse mal... Hoje eu até me arrependo por isso, porque se eu não tivesse honrado com os compromissos dele, morto não paga dívida, então eu quis honrar com os compromissos, paguei a ida dele para Porto Velho, e a passagem minha e do filho para nós irmos pra lá. Então eu fiquei numa condição financeira que eu terminei vindo morar aqui nesse lugar, sem condições mais de viver numa casa lá fora. Tive que vim aqui pra dentro. (12'24" a 13'03")

CÉLIA – Acho que o governo deveria olhar mais pela gente aqui, fazer alguma coisa pela gente. Colocar o esgoto, colocar caçamba de lixo pra acabar com essas coisas aí que dá muita doença esse negócio de lixo jogado desse jeito. O governo deveria olhar mais pela comunidade daqui. (13'04" a 13'24")

DÉBORA – Aqui é meio difícil né, porque com essas lamas aí que quando chove pra levar as crianças na escola é uma barra, porque às vezes chega na creche, na escola tudo com o tênis sujo de lama, e aí é aquela bagunça. Agora que fez o esgoto aqui, mas a gente não está podendo usar. E ainda é aquela luta, a água

mesmo, luz não é aquela coisa certa. Quando chove a energia vai embora. É aquela bagunça toda. (13'25" a 13'48")

SARA – Precária demais. Questão é a chuva, lixo... (13'48" a 13'56")

ANA MARIA – É frio aqui, os barracos são de madeirite, não é de tijolo. É frio, quando chove, respiga, às vezes entra água dentro de casa. (13'57" a 14'06")

CLÁUDIA – Muita lama mela tudo dentro de casa, pisa na lama, pisa dentro de casa, suja tudo, lambuza tudo de lama. (14'07" a 14'12")

NAZARÉ – Com certeza piora mais, porque as pessoas já tem medo de entrar aqui dentro. Tem medo de entrar dentro da Chácara Santa Luzia, porque disse que aqui é muito violento. E outros já tem medo de entrar e com essa sujeira, com esses lixos, tem medo de atolar. Muita gente fala que eu preciso, mas quando vê falar sobre isso aqui na televisão todo mundo morre de medo de entrar aqui. (14'13" a 14'41")

ANA MARIA – É o povo que suja mesmo, essa sujeira não vem sozinha. O povo que não ajuda. (14'42" a 14'51")

NAZARÉ - Então eu acho assim, se tivesse uma estrutura melhor, fosse pelo menos arrumado na frente o cascalho, com certeza seria melhor. Com certeza. (14'52" a 15'01")

CÉLIA – Provoca dengue, provoca rato, ratazana nem se fala. Escorpião é que mais estava tendo aqui também. Minha mãe achou foi cinco escorpiões num só canto lá no quarto dela. (15'02" a 15'14")

A CRECHE DE NAZARÉ

IMAGENS DA CASA QUE NAZARÉ TRANSFORMA EM CRECHE.

CÉLIA – Uma vizinha minha montou uma creche a partir de doações, e atualmente eu estou deixando ela lá e trabalho no lixão. (15'18" a 15'25")

IMAGENS DE NAZARÉ EM FRENTE À CRECHE E CUIDADO DE CRIANÇAS.

NAZARÉ – Olha, aqui que fica comigo mesmo são vinte e um, vinte e dois, aliás. Agora tem mais que fica assim, entre tudo são trinta e poucos, porque tem os que passam pra ir pra escola, eles só almoçam e vão embora. Eu via eles passando e ficando no lixo, catando lixo. E aí eu comecei a dar comida, que nem eu falei antes eu já dava comida para os noiado, eles sempre vinham aqui e pediam comida, chegava na hora de comer eu dava comida pra eles. E aí começaram a vim, e eu comecei a pegar algumas crianças e de repente foi aparecendo um, mais um, mais outro, mais outro, hoje eu to com um pouquinho aí de menino. (15'33" a 16'15")

EDILENE – Eu vim pedir pra Nazaré cuidar do Pedro, porque eu fui trabalhar bem aqui pertinho na Distribuidora do Jamaica, aí eu vim pedir mas lá não deu certo na

distribuidora, eu saí, vim dar uma força pra ela aqui um dia, aí voltei mais um, mais um, mais um... e fiquei. (16'16" a 16'38")

NAZARÉ – No começo eu queria que elas me pagassem pelo menos quinze reais por mês pra ajudar na alimentação, mas elas nunca têm. Elas nunca têm dinheiro, então eu já nem peço mais porque eu sei que não tem. Me sinto feliz por me chamar de vovó, me chamar de mamãe, de titia. Todos eles me chamam. Quando dá cinco horas eles não querem ir embora, querem ficar aqui. Uns se escondem da mãe, quando é aos domingos eles querem vim pra cá. (16'39" a 17'08")

DANIELE (Filha de Nazaré) – Essa aqui como é uma cidade mais pobre, é bom porque tem muita mãe que leva as crianças pro lixão, então eu acho assim que com as crianças aqui é melhor, porque tem a alimentação adequada pra eles, eles tomam café na hora certa, almoçam na hora certa, lancham na hora certa. Então eu acho boa a iniciativa dela. (17'09" a 17'35")

NAZARÉ (Conversando com uma criança) – O que é minha filha, o que é? O que você quer? Meu Deus! Ela quer porque quer que eu dê isso aqui pra ela. Essa aqui é a mascote que tem aqui. Pronto, brinca, fala no telefone, fala! (17'36" a 17'51")

CÉLIA – Cuida bem das crianças, ela vem limpinha pra casa, ela dá comida, dá o lanche da tarde, a gente não precisa se preocupar em levar lanche, essas coisas, graças a Deus. Tem ajudado muito, tem sido o braço direito da gente mãe solteira. (17'52" a 18'06")

NAZARÉ – Não, não tenho renda de nada. Nada, nada, nada. Eu sinto muito prazer em cuidar deles, eu sei que vai chegar uma hora e Deus vai me ajudar e minha vida vai melhorar com eles. Porque é dificultoso morar num lugar desse, que nem ontem eu doente, sem um real pra comprar um remédio, pra mim, você entendeu? Aí passou uma moça que perguntou como eu estava com as crianças, não estava com as crianças porque estava doente. E ela comprou o remédio pra mim. (18'07" a 18'37")

IMAGEM DE DESENHOS NAS PAREDES DA CRECHE

ENCERRAMENTO

LEGENDA NA TELA – “Como você quer o futuro dele?”

SARA – Que ele seja um grande homem, diante dos homens e diante de Deus. Que ele possa ser, igual eu sempre falo nas minhas orações eu peço a Deus que seja o sal da terra e a luz pra esse mundo, que a gente hoje em dia, é muito difícil você ver uma criança, um adolescente que não se envolve no que é errado. Eu como mãe solteira sou a mãe e o pai, então tenho que corrigir na hora devida e sim, creio que a educação que tive em não me envolver com coisa errada eu quero passar pra ele. (18'46" a 19'17")

CLIQUE COM IMAGENS DE CRIANÇAS E MÃES

FRANCISCA - Já sofri muito aqui dentro, hoje eu tenho paz. Há dez anos atrás eu dizia assim: Meu Deus, porque o senhor não me tira, é melhor a gente morrer do que estar numa luta dessa. E hoje eu digo que quero viver. (19'30" a 19'43")

CRÉDITOS (19'44" a 20'17")

Direção e roteiro
LUCAS VELOSO

Produção
LUCAS VELOSO

Imagens
LUCAS VELOSO
DIEGO SCHUENG

Edição
LUCAS VELOSO

Orientador
LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

Coordenador do curso de jornalismo
HENRIQUE MOREIRA

Agradecimentos
SHEYLLA CRISTINA
DIEGO SCHUENG
DEIVISSON SANTOS
LUIZ CLÁUDIO FERREIRA
ANTONIA VELOSO
ANTONIO RODRIGUES
COMUNIDADE DE SANTA LUZIA

"AS MÃES DE SANTA LUZIA"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social
com habilitação em jornalismo do Centro Universitário de Brasília UniCEUB